



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
GRADUAÇÃO EM LETRAS

O feminino sob a visão de Conceição em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz

Waleska Diniz Mamede

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Português da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Português.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M265f Mamede, Waleska Diniz.

O feminino sob a visão de Conceição em O Quinze, de
Rachel de Queiroz / Waleska Diniz Mamede. - João
Pessoa, 2018.
35 f.

Orientação: Profa Dra Ana Cristina Marinho Lúcio.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. estudos de gênero; literatura; Rachel de Queiroz. I.
Lúcio, Profa Dra Ana Cristina Marinho. II. Título.

UFPB/CCHLA

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao meu amado pai, Hélio Trindade Mamede da Silva (in memorium), minha maior inspiração, que não mediu esforços para que eu alcançasse todos os meus objetivos e me incentivou a fazer a graduação em Português; a minha filha Larah, que sempre esteve presente e me fez seguir adiante acreditando que eu podia me reinventar profissionalmente, além de enfrentar todas as dificuldades ao meu lado me fez estudar e não desistir, mesmo quando o cansaço era mais forte que eu.

WALESKA DINIZ MAMEDE

O feminino sob a visão de Conceição em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação em Letras Português CCHLA da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para Conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português

RESULTADO: _____ NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

João Pessoa, _____ de _____ de 2018.

Prof^a. Dr^a Ana Marinho Lúcio - Orientadora – UFPB

Prof^a. Dr^a Alyere Silva Farias – UFPB

Prof^a. Dr^a Geralda Medeiros Nóbrega - UEPB

AGRADECIMENTOS

A DEUS que sempre foi minha fortaleza e meu escudo, em todas as horas.

A MINHA MÃE Edite Diniz Mamede que sempre esteve ao meu lado

AOS MEUS IRMÃOS, Márcio Ryan Diniz Mamede, Ryanne Diniz Mamede, Yama Diniz Mamede por acreditarem na minha vitória.

A PROFESSORA ORIENTADORA DRA. ANA MARINHO pelas orientações recebidas, dedicando seu tempo aos atendimentos prestados.

Aos PROFESSORES pelos conhecimentos transmitidos em prol do aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Aos COLEGAS Rodolfo Dantas e Janaína Ferreira, que se tornaram amigos e me deram nortes ao longo do curso e fizeram com que esta amizade fosse fortalecida.

A AMIGA de todas as horas Elisa Mariana Nóbrega, que como tantas outras mulheres fortes me inspirou na temática desta obra.

“O problema com a questão de gênero é que ela dita como nós devíamos ser, ao invés de reconhecer como nós somos. Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero”. Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as representações do feminino da personagem Conceição em *O Quinze* (1930) no contexto de uma cultura patriarcalista. Partindo da perspectiva da sociedade modelar que Conceição viveu na infância e não se rendeu a tradição das mulheres local. Ela traça seu próprio caminho e mostra os ângulos diferenciados do seu pensamento. Apesar de viver as limitações do sertão nordestino, Conceição vai para a capital do Ceará estudar e trabalhar e rompe com destino da mulher sertaneja, que era casar e ter filhos. Para tanto, utilizamos autoras que dialogam com os estudos de gênero, a exemplo da Perrot e Del Priore, bem como os autores que produziram sua fortuna crítica, a exemplo de Mário de Andrade e Augusto Frederico Schmidt.

Palavras-chave: estudos de gênero; literatura; Rachel de Queiroz.

ABSTRACT

In this monograph paper, our main objective is to analyze the representations of the feminine in relation to Conceição, a character from Rachel de Queiroz's novel *O Quinze* (1930), in the context of a patriarchal culture. We assume that Conceição lived her childhood in a modeling society and did not surrender to the local women's tradition. She outlines her own paths and shows different angles of her thinking. Even though she experiences the limitations of Northeastern drylands, Conceição goes to the capital city of Ceará in order to study and work, thus breaking the fate of women from her region, who were supposed to marry and have children. The analysis is supported, among others, in Perrot and Del Priore, regarding gender studies, and in Mário de Andrade and Augusto Frederico Schmidt, important scholars that compose the critical fortune of the author.

Keywords: gender studies; literature; Rachel de Queiroz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. CAPÍTULO: <i>O Quinze</i>: Reflexões sobre a mulher e o feminismo no Brasil.....	11
1.1. MULHER: “O silêncio da exclusão”.....	14
1.2. O feminismo no Brasil.....	17
2. CAPÍTULO: Conceição: contestações ao “destino da mulher”.....	23
3. CAPÍTULO: A maternidade: principal dom da mulher?.....	27
3.1 O amor sagrado.....	32
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade a mulher teve um papel social diferente do homem, onde a sociedade modelar ditava as regras de uma sociedade patriarcalista, considerada o segundo sexo, que servia ao pai, depois ao marido e a igreja, tendo como única função social a de parir. Quebrando estas perspectivas do eixo social, temos neste estudo uma personagem feminina que não aceita sua condição. Por isso este trabalho propõe estudar “o feminino sob a visão de Conceição”, que aparece na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Através dessa personagem, tentaremos analisar o comportamento da mesma que não aceita as regras convencionais de uma sociedade tipicamente patriarcalista e ditatorial com as mulheres. Sairemos do modelo tradicional das mulheres nordestinas e sertanejas, castigadas pela seca e tentaremos mostrar o feminino sob o olhar de Conceição, criando outras perspectivas. Para isso, usaremos como fundamentação teórica *Histórias e Conversas de Mulheres*, de Mary Del Priore; *As Mulheres ou os Silêncios da História* de Michelle Pierrot, entre outros teóricos que dissertam sobre o feminino.

Tal publicação retrata a seca de 1915, que assolou o sertão nordestino, levando várias famílias a desertarem para outros lugares em busca de sobrevivência. Esse foi o primeiro romance de Rachel de Queiroz, que apesar de ser regionalista ganhou visibilidade nacional, fazendo uma recolocação histórica na ficção moderna brasileira.

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, em 17 de novembro de 1910, e faleceu em 04 de novembro de 2003, no bairro do Leblon, cidade do Rio de Janeiro. Durante sua vida fez várias publicações, e muitas delas foram publicadas em outras línguas. Fez também parte da segunda geração do modernismo no Brasil e escreveu romances, contos e crônicas, além de ser tradutora. Sendo considerada uma grande escritora, jornalista e dramaturga, ganhou muitos prêmios de destaques. Seu nome foi tão importante no meio dos grandes escritores, que foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Em *O Quinze* fica evidente a presença forte de uma personagem de nome Conceição que não aceitava os padrões absolutistas do patriarcalismo, que ditava o comportamento feminino. Das 160 páginas do livro, em 22 páginas dessas são retratados os temas relacionados ao casamento, filho e profissão, sendo evidenciando o olhar diferenciado de Conceição sobre esses assuntos. Logo no início do livro, na página 4,

Conceição folheava um livro e a avó a questiona sobre um possível casamento pra ela, já que a mesma já tinha 22 anos e não falava em casar; essas leituras feitas pela personagem ronda quatro páginas do livro, sempre retomando o gosto pelo conhecimento oferecido por estes. Essa perspectiva para um casamento para a neta está presente em todo o romance. Na continuação do livro percebemos que essa temática a respeito do casamento sempre vir à tona, e nas páginas 83 e 84 novamente a avó cita o casamento para a neta, já que a mesma cuida bem de seu afilhado e demonstra dons da maternidade, sugerindo que a neta é boa para casar-se. Novamente na página 99 Dona Inácia (avó de Conceição), diz que a neta torceu o nariz para a natureza das mulheres, e a personagem na página 118 observa uma moça feliz ao lado do marido e pensa que um amor absoluto e cego era difícil para ela achar, preferindo a leitura como aprendizado, já que se renunciando as obrigações tradicionais, deveria ela ocupar seu tempo, fazendo bom uso dele.

O Quinze foi escolhido para ser analisado porque é um romance logo aceito sem debates pelos críticos da época, ele vislumbra um olhar castigado sobre tantos nordestinos em um problema recorrente até os dias de hoje, que é a seca. Em meio a tantas coisas ruins nas passagens do livro, uma personagem em particular chama a atenção por acreditar que a vida de uma mulher pode ser mais que casar e ter filhos. Conceição, a protagonista do livro já vislumbrava uma carreira, era instruída para época e quebrava perspectivas tradicionais. Foi a partir desse olhar que *O Quinze* despertou meu interesse. O interesse pelo tema também ocorreu porque apesar da vida difícil dos nordestinos, assolados por duras secas, podemos perceber personagens fortes que podem trazer novas categorias analíticas de estudos como o comportamento da mulher nesse romance, que ainda é um tema pouco estudado nessa obra.

Assim, dividimos o trabalho nas seguintes etapas: No primeiro capítulo discutimos a fortuna crítica sobre a obra tratada, discutindo questões de gênero; o segundo capítulo trata da análise crítica da obra, enfocando a personagem Conceição e suas relações matrimoniais. O terceiro capítulo fecha a pesquisa, associando a análise da obra com a problemática da maternidade.

2. Capítulo I: *O Quinze*: Reflexões sobre a mulher e o feminismo no Brasil.

Ao escolher o livro *O Quinze* para ser objeto do meu TCC não imaginei encontrar uma obra tão rica de detalhes sobre a seca, decerto não é o único livro brasileiro que trata deste flagelo, muito mais um problema social do que uma questão da própria natureza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Porém esta obra literária tem uma descrição rica das paisagens com sombrios detalhes ambientados aos personagens, além disso retrata a visão da personagem protagonista Conceição, que se destaca por não acatar os laços de uma sociedade patriarcal preconceituosa, que torna a mulher uma pessoa vulnerável aos homens e submissa. A protagonista de *O Quinze* quebra as perspectivas da mocinha do interior que vislumbra um casamento e abre mão da profissão para casar e ter filhos. Não se tratando de uma visão sentimentalista de Rachel de Queiroz frente à Conceição, mas representando realidades sobre o feminino, poeticamente reelaborando e reproduzindo tais realidades.

Quando Rachel de Queiroz escreveu esse livro tinha apenas 19 anos, porém sua visão sobre o feminino não ficou fora de sua obra, ela já expressava suas inquietações frente a temas sociais, com linguagem clara e sem as expressões regionalistas às quais estávamos tão acostumados em obras publicadas em sua época. Era fim de 1929 e começo de 1930, quando a personagem feminina, Conceição, já rompe com o famoso “destino da mulher”. A protagonista não se enquadra nas práticas sociais vigentes, porque não aceita o casamento como destino inevitável, mas se preocupa com sua profissão, com sua carreira e seus estudos. Embora sabendo que nesta época a mulher solteira era considerada “uma pedra no sapato da família” ou um “aleijão”, como afirma a própria avó de Conceição, já no primeiro capítulo do livro, quando ela prefere manter suas convicções. Rachel escreveu de forma ousada sobre o comportamento feminino e é este comportamento que chama a atenção para o estudo desta obra, pois a autora sai do eixo tradicional das mulheres castigadas pela seca e submissas à família, a Igreja e maridos.

Alguns escritores consagrados já haviam percebido a riqueza literária da obra, que observa com tantos detalhes o flagelo da seca e que recheia de adjetivos esta narrativa. Entre estes que escreveram sobre *O Quinze* está Augusto Frederico Schmidt que destaca que este é um livro brasileiro, profundamente brasileiro, que mantém o assunto corrente e claro, com simplicidade e riqueza de detalhes. Ele ainda destaca que a vida pessoal dos

protagonistas, distrai do próprio flagelo da seca. Augusto Frederico Schmidt (2017), ainda ressalta o grande papel que a mulher assume na literatura a partir de obras como *O Quinze*.

Já Mário de Andrade¹ faz um recorte importante sobre a obra, ressaltando que este livro é mais que uma conversão da seca, é uma conversão da realidade. Ele ainda enfatiza que Rachel de Queiroz achou um jeito de humanizar tão dolorosamente, o pequeno entrecho amoroso disperso no livro.

Davi Arriguicci Jr. afirma que à primeira vista era apenas mais uma obra que dava continuidade aos problemas referentes à seca, mas ao longo do romance percebe-se que para o crítico católico, não era claro o lugar da mulher na cultura brasileira. Ele ainda menciona que não era apenas uma questão de gênero e sim de um ponto de vista feminino. Grande parte da fortuna crítica referente a obra *O quinze* fica muito centrada nas questões do regionalismo, com enfoque especial na temática da fome, da imigração e da seca. Contudo, alguns críticos e críticas literárias começaram a problematizar a leitura dessa obra a partir dos estudos de gênero.

Um exemplo é o artigo de Elódia Xavier (2014)², “Rachel de Queiroz: em busca da liberdade”. Rachel de Queiroz, na década de 1930, mais precisamente com *O quinze*, constrói um romance em que a personagem feminina, Conceição, já rompe com o famoso “destino de mulher”, só evidenciado por Simone de Beauvoir, em 1949. A protagonista não se enquadra nas práticas sociais vigentes, porque não aceita o casamento como destino inevitável. Embora, em seu meio, mulher solteira seja considerada um “aleijão”, prefere se conservar só, apesar da atração física que sente por Vicente, rapaz quase sem instrução. Diz o narrador: “Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava” (QUEIROZ, 2012, p. 51). Sua formação cultural – ela é professora e leitora contumaz – é responsável por essa atitude, que será, de uma forma ou de outra, seguida pelas demais personagens de Rachel. Conceição, decidindo manter-se solteira, não tem sua própria casa, pois mora “com as Rodrigues”. Dividida entre a problemática dos retirantes e seus conflitos interiores, ela inaugura o perfil de uma personagem feminina transgressora. “Tenho certeza de que nasci para viver só...” (QUEIROZ, 2012, p.96), diz ela. Noemi, de

¹ A edição escolhida para ser analisada da autora Raquel de Queiroz apresenta em seu final um adendo, composto de várias críticas literárias, a exemplo da de Mario de Andrade.

² Professora de Literatura Brasileira com pós-doutorado em Psicologia Social pela USP. Vem, sistematicamente, trabalhando com narrativas de autoria feminina com vários textos publicados nessa linha de pesquisa, com destaque especial para os livros: *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino* (Record, 1998) e *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (Ed. Mulheres, 2007). 58 Rachel de Queiroz: em busca da liberdade

Caminho de pedras (1937), segue a mesma trajetória. Aqui, a militância política constitui o fundamento da trama, mas as questões de ordem pessoal e afetiva se sobrepõem à luta revolucionária, impregnando liricamente a narrativa. É um livro triste e amargo, em que o desencanto supera sonhos e ideais. O amor adúltero de Noemi e Roberto deixa um rastro de dor e destruição, como se o desvio da norma determinasse a punição dos culpados.

Percebemos também que algumas dissertações já haviam dado o destaque à personagem. É o que notamos no trabalho de conclusão de curso de Luiz da Conceição Oliveira, que trata dos encontros e desencontros das três Marias de Rachel de Queiroz (Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/243>. Acessado em fevereiro de 2018). O autor enfoca a questão de gênero, destacando também a personagem protagonista de *O Quinze*, mostrando a busca pelo seu espaço, encontros e desencontros, vendo isto como categorias recorrentes nas obras da autora, ele também apresenta como estes estágios contribuíram para a independência, a conquista e a liberdade destas personagens.

Outra obra de conclusão de curso que disserta sobre a mulher protagonista é “As (in)subordinações das mulheres protagonistas em *O Quinze*, Dôra, Doralina e Memorial de Maria Moura”, de Edvânia Martins Lopes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2016), que amplia a discussão sobre o patriarcado e o comportamentos das protagonistas de Rachel de Queiroz, discutindo a realidade da mulher em questões polêmicas que vão se materializando ao longo das narrativas, nas quais as protagonistas emitem seus valores. Esta dissertação ainda faz um confronto da personagem feminina Conceição com outras personagens femininas da narrativa, mostrando o diferencial de ideologia da personagem.

Numa pesquisa preliminar, não foram encontradas mais críticas sobre Rachel de Queiroz numa relação com os estudos de gênero. Contudo, a própria historiografia, literária ou não, já abre possibilidades para se pensar a configuração dos personagens femininos, enfocando os processos históricos, principalmente na sociedade ocidental.

1.1. MULHER: “O silêncio da exclusão”

Para fazer um estudo do feminino sob a visão de Conceição em “*O Quinze*”, é necessário voltarmos um pouco na história das relações sociais pré-existentes ao livro. As relações pessoais e interpessoais na época em que o livro “*O Quinze*” foi escrito eram extremamente voltadas para uma sociedade construída para o homem, nossas organizações sociais (Igreja, família, escola) era ditada pela sociedade extremamente tradicionalista e voltada para um patriarcado vigente.

A escola era criada para que os homens tivessem oportunidades de crescer intelectualmente e pudessem manter a cultura de dominação, pois sabe-se que onde existe conhecimento, existe favorecimento, era a máquina intelectual que matinha os homens no controle do poder, fosse no trabalho, fosse em seu lar. Então, pensar em uma personagem feminina forte em 1930 tem que nos fazer recriar a identidade feminina tão podada e manipulável na sociedade já citada. Conceição foi idealizada por Rachel de Queiroz, imaginando ela a superação das desigualdades sociais: Negros x brancos, pobres x ricos e mulheres x homens; sua personagem ganha espaço e destaque através de lutas e reflexões que as mulheres já almejavam. Só na segunda metade do século XX é que viemos a conhecer algumas teorias feministas, que vão criando formas a partir de transformações e não são teorias fixas, são flexíveis e se moldam a partir das necessidades em que passam as mulheres. Como bem frisou Michelle Perrot:

As mulheres são feitas para esconder as suas vidas na sombra do gineceu, do convento ou da casa. E o acesso ao livro e à escrita, modo de comunicação distanciada e serpentina, capaz de enganar as clausuras e penetrar na intimidade mais bem guardada, de perturbar um imaginário sempre disposto às tentações do sonho, foi-lhes por muito tempo recusado, ou parcimoniosamente cedido como uma porta entreaberta para o infinito desejo. (PERROT, 2005, p.10)

Parece estranho para uma sociedade tão exclusivamente desenhada para os homens, mas ao que parece nós também temos desejos próprios, apenas fomos tantas vezes silenciadas e este silêncio era a disciplina das famílias, dos homens, da Igreja e do mundo, fomos negadas pela sociedade.

Sabe-se que as mulheres ocidentais geraram transformações intensas através das suas lutas e do direito à igualdade em relação aos homens, modificando assim de maneira singular não só o Ocidente, mas já tendo reflexos no Oriente, ainda de forma discreta. O

bojo social em que vem as lutas feministas é entre 1960 e 1970 e é exatamente por esse motivo que enxergar a antecipação da desigualdade que a protagonista de “*O Quinze*” vislumbra, antes mesmo desta data, é perceber que Rachel de Queiroz enxergava as coisas à frente do seu tempo e percebia tais desigualdades tanto no público, como no privado. Por exemplo, a descoberta do processo de reprodução do homem ficou no privado e centrado na descendência patrilinear.

Contudo, vai se percebendo que as novas gerações de mulheres começam a ter interesses diferentes das mulheres de gerações anteriores. A desilusão com estruturas sociais vigentes da Europa, como o socialismo, começa a ruir e entra em crise. A partir deste momento as mulheres se reorganizam nos EUA, na década de 1960, e lutam por igualdade, na Inglaterra a nova esquerda inicia um movimento pela participação da mulher na política. Entretanto, mesmo com tudo isso acontecendo as mulheres ainda desempenham funções domésticas e os estereótipos sexuais masculinos e suas dominações ainda são fortes.

Importante ressaltar que em 1975, a Editora Vozes publicou o livro, *Educar para Submissão*, da italiana Elena Belotti, que fala das barreiras sociais em que as mulheres eram forçadas a se enquadrar para os padrões estabelecidos para cada sexo, deixando a mulher vulnerável ao que queriam que ela fosse, o nome do livro é *Educar para Submissão*.

O estudo do gênero não é um conceito uniforme e que se dá de forma linear e sem interferências, ao contrário disto, as gerações, os processos históricos, as próprias transformações sociais modificam as ações e as reações da sociedade patriarcal. Dentre estes conceitos é bom frisar que não estamos neste momento falando da hierarquia que já conhecemos, estamos dando ênfase a sua existência. Afinal, a questão de gênero, não trata-se de uma ciência humana, mas sim de uma perspectiva pessoal difundida no século XVI pela Igreja católica e aprimorada no século XIX pelo Darwinismo.

Ambas as instituições sugerem a superioridade biológica do homem, em relação ao físico, sendo este responsável pelo sustento do lar, pela caça. A luz destas teorias, as mulheres tinham características psicológicas destacadas, com forte poder de proteção, ao que sugeria cuidar da prole e serem responsáveis pelas gestações, dando o amparo emocional necessário para o marido e filhos, ou seja, mães por excelência.

Fazendo uma ponte histórica com estas teorias, percebemos porque um dos nossos personagens de “*O Quinze*” é visto como um homem grande, forte e rude porém daria um excelente marido. Por outro lado estaria Conceição, que ele julgava, em um primeiro

momento, ter um ar de superioridade. Vicente achava isso da prima, apenas porque Conceição havia estudado, era uma moça letrada, só depois ele percebe que ela não o fitava com olhar de desprezo. Fica claro que esta passagem do livro que fica no capítulo 8, vem reforçar o que até agora foi percebido, que existia já um eixo central e fixo de uma sociedade patriarcal em que a capacidade e habilidades pessoais já estavam pré-definidas, assim como os papéis sociais e sexuais. Corbin (1987), fez um estudo histórico sobre esta relação dos homens e das mulheres na Europa do século XIX, e, mais uma vez, se percebe uma forte influência religiosa da Igreja católica, que gosta de assegurar a concepção através dos seus discursos moralizantes. A personagem Vó Inácia de Rachel de Queiroz tem forte apelo religioso para justificar porque sua neta Conceição deve casar-se e porque não fazê-lo a torna um aleijão.

Mas não é só a Igreja católica que reforça esta tese, o eterno dualismo homem versus mulher, macho versus fêmea, tem influência participativa direta nas relações. Vale destacar que as questões de gênero como sexo, e sexualidade, saem deste viés tradicional e abre uma outra possibilidade de temática a se discutir.

O conceito de gênero foge do viés tradicional que é diferente de sexo. Para Butler (2003) sexo é natural e gênero é construído. Para a sociedade modelar, o casal heterossexual era o que era visto como modelo de reprodução e o casal tinha uma vida vigiada, porque a Igreja pregava que a sexualidade era perigosa, principalmente para as mulheres. Aos homens se permitia o direito de ter prazer, fora de casa e do casamento claro, porém a única função das mulheres era a reprodução. Os casamentos na sua grande maioria eram um negócio para os pais da noiva, afinal as mulheres representavam a fragilidade e ninguém era tão perfeito para cuidar desta fragilidade como seu pai.

1.2 O feminismo no Brasil

O feminismo no Brasil tem uma longa trajetória e podemos enxergar em três momentos: o primeiro no século XIX, o segundo com a luta pelo voto (1920-1930) momento em que é também de uma revolução sexual, o terceiro em 1970, em que existem grandes transformações sociais.

Analisando essa onda feminista no Brasil, percebemos que “*O Quinze*” foi escrito no segundo momento do feminismo no Brasil, pois existia um forte apelo sexual de mudança. Anterior a isto, em 1918, veio a cultura do corpo livre que foi difundida nos países germânicos, Áustria, Suíça, Holanda, até em 1950 ganhar os EUA. O Brasil observava atentamente este cenário de mudança sexual.

Nos anos 1980, aumenta o estudo de gênero no país e em 1990 cresce a onda militante brasileira.

O preconceito contra alguns grupos sociais gerou para algumas pessoas o título das excluídas da história. Nesta exclusão podemos recortar o preconceito contra as mulheres que se arrasta desde a Idade média, por isso, para entendermos o pensamento patriarcalista dos personagens masculinos em “*O Quinze*”, precisamos percorrer um longo caminho. Segundo Priore (2013), desde a chegada dos portugueses ao Brasil o papel da mulher como companheira, mãe ou filha se destacou. Sendo pobre ou rica a mulher tinha que cumprir o seu papel:

Pobre ou rica, a mulher possuía, porém, um papel: fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar o marido. Ser, enfim, a “santa mãezinha”. Se não o fizesse, seria confundida com um “diabo doméstico” (PRIORE, 2013, p. 8).

Segundo a autora, o patriarcalismo brasileiro gerado pela junção dessa tradição portuguesa com a colonização agrária e escravista, foi o responsável por garantir a união entre parentes, a obediência entre os escravos e o prestígio político de um grupo familiar sobre os demais. Na família, o pai era o senhor forte e temido, que impunha sua lei sobre a qual a mulher tinha que se curvar:

O chefe cuidava dos negócios e possuía absoluta autoridade sobre a esposa, os filhos, os escravos, empregados e agregados. Sua influência era enorme e se estendia, muitas vezes, a famílias semelhantes, localizadas em regiões próximas. A família patriarcal foi assim resumida: “pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados. (PRIORE, 2013, p. 9)

Segundo Michelle Perrot (1988), essa exclusão das mulheres pouco condiz com a declaração dos direitos dos homens, que proclama a igualdade entre todos os indivíduos, questionando ainda se não somos indivíduos. Ela ainda afirma que este discurso que se apoia na diferença dos sexos é retomado no século XIX, centrando-se nas descobertas da medicina e biologia. Anne-Lise Maugue diz que “Sua feminilidade proporciona preferencialmente uma aptidão prática à mulher, mas em caso algum uma aptidão especulativa” (apud PERROT, 1998, p.9). E continua, “as mulheres não podem ocupar cargos públicos”.

Reforçando este discurso favorável aos homens, estava também a Igreja católica que, exercia forte pressão de dominação do homem sobre a mulher, pois para a Igreja a mulher era inferior ao homem, explorando relações de dominações que só homens exerciam frente às mulheres. A boa mulher era exemplarmente submissa, condenando as mulheres à categoria doméstica, cuidar da casa e dos filhos era sua função, devendo servir ao chefe da família e por conseguinte garantindo para as gerações futuras a servidão como modelos para serem seguidos pelos seus filhos:

A todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade (PRIORE, 2006, p. 45-46).

As mulheres pouco saíam de casa, ocupavam seu tempo com bordados e afazeres domésticos, passando horas fazendo trabalhos manuais, sendo comum ao seu lado estarem seus filhos. Igreja e Estado entendiam que a mulher devia cuidar do seu lar, na rua era perigoso para as mesmas, ficariam mal vistas ou mal faladas e perdiam a honra se saíssem sozinhas, e quando saíam tinham que ser acompanhadas. Conforme menciona Priore (2006), as mulheres, muitas vezes, eram colocadas em recolhimentos por seus próprios maridos para evitar que fossem traídos durante suas viagens:

Já não se fabricam mais cintos de castidade para o sossego do marido ausente, mas os *recolhimentos* bem cumpriam a função de zelar pelo comportamento da mulher longe do marido: ele podia viajar na certeza de que sua própria honra, ao retornar, continuava bem reputada (PRIORE, 2006, p.58).

Até o processo de educação das mulheres era diferente com relação ao dos homens. O casamento era seu grande negócio, as meninas aprendiam o básico da educação, ler já era mais que suficiente, o seu lado artístico era o que deveria se sobressair, mesmo assim a educação delas era baseada em três pilares, ler, escrever e costurar, isto, claro, para as meninas de mais recursos e que os pais pretendiam um maior dote, a mulher era quase uma moeda de troca. A educação feminina era direcionada apenas para as atividades domésticas:

O programa de estudo destinado às meninas era bem diferente dos dirigidos aos meninos, e mesmo nas matérias comuns, ministradas separadamente, o aprendizado delas limitava-se ao mínimo, de forma ligeira, leve. Só as que mais tarde seriam destinadas ao convento aprendiam latim e música; as demais restringiam-se ao que interessava ao funcionamento, o casamento do futuro lar: ler, escrever, contar, coser e bordar [...] (PRIORE, 2006, p. 50-51).

De acordo com Priore (2013), na sociedade tradicional, o casamento era a única instituição que tornava a mulher um ser social; sem ele, a mulher vivia a deriva, desejando uma vida minimamente fundamentada segundo os costumes sociais e a ética oficial. Durante o século XIX as moças viviam enclausuradas sob o poder dos pais até o momento de casarem-se, ainda adolescentes. A virgindade era rigorosamente controlada, as moças não saíam sozinhas com os rapazes e raramente tinham oportunidades de se comunicarem com eles. Os casamentos eram arranjados pela família, não havia liberdade de escolha. No casamento, a fidelidade era uma tarefa da mulher:

A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. É sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges (PRIORE, 2013, p. 38).

A economia, a política, a Igreja, a sociedade, tudo era organizado em torno dos homens, assegurando em sua figura a centralidade da vida das mulheres e dos seus agregados. Já para as mulheres restava a divindade da maternidade, como resultado de um bom casamento. Assim cada sexo tem seu papel muito bem definido:

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz da linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos, declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. (PERROT, 1988, p.178)

No início do século XX, o Brasil viveu um momento de ascensão de classe média. Nas cidades, cresciam as possibilidades de acesso a informações, lazer e consumo, principalmente para as mulheres. No entanto, a mulher que se encontrasse fora dos papéis tradicionais, era considerada promessa de flagelo. As inteligentes eram consideradas perigosas e as que quisessem se educar corriam o risco de não se casarem, porque os homens comuns jamais se casariam com elas, afirma Priore (2013). Todavia, a modernidade não foi detida: “Em 1932, o voto feminino para alfabetizadas e maiores de 21 anos entrou na pauta das eleições” (PRIORE, 2013, p. 52).

Conforme menciona a autora, as mudanças não atingiram as mentalidades, pois continuavam havendo distinções entre o papel feminino e o masculino. E apesar de cada vez mais comum, o trabalho feminino permanecia cercado de preconceito. A mulher ideal continuava sendo a submissa, obediente e discreta (PRIORE, 2013).

Com a chegada da pílula anticoncepcional no Brasil, e a moral sexual flexibilizando-se, os casais não casados tornaram-se cada vez mais aceitos pela sociedade. E apesar de a Igreja continuar condenando a sexualidade como fonte de prazer, a população apostólica romana começa a acreditar que o amor e o prazer podiam andar juntos. As relações sexuais entre os casais começaram a mudar:

Carícias se generalizavam, e o beijo mais profundo – o beijo de língua, o u french kiss –, antes escandaloso e considerado até um atentado ao pudor, passava a ser sinônimo de paixão. Na cama, novidades. A sexualidade, graças aos avanços da higiene íntima, estende-se da boca a outras partes do corpo. As preliminares ficam mais longas. A limpeza do corpo e certo hedonismo já latente alimentavam carinhos antes

inexistentes. Todo corpo a corpo amoroso tornou-se possível (PRIORE, 2013, p. 60).

Mas, nem tudo mudou, conforme Priore (2013, p. 61), e “apesar do surgimento do Conselho Nacional das Mulheres do Brasil [...] que se destacou na luta para promover a posição socioprofissional da brasileira, o diagnóstico era de alterações lentas.”

Na década de 1980 houve mais mudanças, a brasileira mesmo sendo conservadora e tímida, já pensava em um futuro de independência para sua filha. O uso da máquina de costura foi trocado por roupas prontas, e “dividida entre valores novos e tradicionais, rejeitava a idéia da submissão da mulher” (PRIORE, 2013, p. 65).

Em 1995 ela assume o papel de pai e mãe dentro do lar. Coisa antiga, mas agora contabilizada:

Segundo Veja, as FCM – sigla patenteada nos meios acadêmicos para designar as Famílias Chefiadas por Mulheres – estavam em toda parte, fosse na Aldeota, bairro de classe média de Fortaleza, ou no Morro Santa Marta, no Rio de Janeiro; fosse no Lago Sul, em Brasília, ou na avenida Paulista, em São Paulo. Desde a profissional de *tailleur* azul-marinho à empregada doméstica, a maior variação ficava por conta da geografia. No Rio de Janeiro, a porcentagem de mulheres chefes de família era maior do que a média nacional: 25% das residências – estatística semelhante à que se observava, à época, nos Estados Unidos. Ainda assim, sua presença era cada vez mais comum no Brasil inteiro. Em 1970, por exemplo, totalizava 13% (PRIORE, 2013, p. 67).

No fim do século XX há uma ruptura na invisibilidade das mulheres. Porém, “a superioridade feminina é apenas doméstica: mais mulheres chefiavam famílias monoparentais, aceitam situações de subordinação e correm atrás do modelo de perfeição estética imposto pela mídia” (PRIORE, 2013, p. 221).

Apesar de tudo que já foi conquistado, ainda existe muito preconceito com relação às mulheres, e muitas vezes, parte desse preconceito é nutrido por seu comportamento diante dos homens:

Protegem filhos que agredem outras mulheres. Não os deixam arrumar o quarto: “Homem não nasceu para isso”! A ideia é tornar marido e filhos dependentes delas em assuntos domésticos, pois muitas são dependentes financeiras deles. Outras calam sobre comentários machistas dos companheiros, incentivam piadas e estereótipos sobre a “burrice” feminina, cultivam cuidadosamente o mito da virilidade. Gostam de se mostrar frágeis, pois acreditam que eles, assim, sentem-

se mais potentes. E de ser chamadas de xuxuzinho e tudo o mais que seja convite a comer. O título de cachorra é um elogio. Acreditam que a feminilidade é um estado natural, a ser conservado, e que todas as despesas aí investidas, até cirurgias que acabem por desfigurá-las, são um bom negócio. São coniventes com a propaganda sexista e com a vulgaridade da mídia. Na TV, aceitam temas apelativos e não se incomodam que estes encham a cabeça das filhas (PRIORE, 2013, p. 222).

Nesse recorte acima fica evidenciado como a sociedade patrilinear faz o desenho que quer das mulheres. Montando comportamento e padrões, ficando claro a deslegitimação do valor delas, as representações discursivas e sociais do homem são bem territorialistas, a mulher que destrói essas regras transgride o feminino. “A burrice” feminina também é bem destacada neste trecho da fala de PRIORE, com a tentativa de desqualificar o valor intelectual da mulher e disseminar a sua inferioridade frente ao primeiro sexo.

2 - Capítulo: Conceição: contestações ao “destino da mulher”

As mulheres ao longo do tempo vêm quebrando barreiras e paradigmas; mesmo assim parece que essa emancipação seja no trabalho, seja na família, não é acompanhada por toda a sociedade, inclusive pelas próprias mulheres que tem um discurso machista (seja pela educação, seja por costume social). As mulheres são frequentemente consideradas a outra parte da extensão pensante, não importa o que elas façam. Isso se evidencia no discurso da avó de Conceição, quando a mesma fala da mulher de forma vaga e fútil, quase como um acessório, um enfeite. Conceição já tinha passado da época de normalista, alegava que nascera solteirona, ouvindo isso Dona Inácia retruca:

... A avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...Esta meninas tem umas ideias (QUEIROZ, 2017,P.20)

O tom sarcástico e por vezes piedoso de Dona Inácia faz com que com o sexo oposto pareça ser a única saída das mulheres, deixa em âmbito explícito o que todos já conhecemos, a pseudo aceitação da posição da mulher frente à conjectura social. Apesar de às vezes ela dar a entender que seus costumes travaram muito do que ela é. Sua personalidade religiosa e tradicional revela como a mesma enxergava as mulheres: um adorno, usado quando fosse necessário.

Para os homens, educados em uma sociedade demarcadamente patriarcal, era estranho mulheres andarem sozinhas, ainda mais para Vicente, nosso protagonista, criado no alto sertão, com natureza rústica. Percebemos esse estranhamento nesse diálogo entre Vicente e Conceição.

Vicente riu abanando a cabeça. Depois perguntou já sério: - Foi por causa da doença que veio só? Ela riu de novo: Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que eu fosse à escola arranjar companhia...- Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só na cidade (pág. 83)

Podemos notar nessa passagem do texto a perturbação do personagem Vicente quando percebe que o sexo oposto, faz coisas tipicamente masculinas, como andar sozinha pelas ruas. O que nessa época não era comum, sendo considerado até uma

transgressão social, ficando evidenciado essa separação e possível superiorização de pensamento, pois já que os homens sentem-se acima do segundo sexo, fica subentendido que as mulheres precisam fazer o mesmo.

Apesar de tanta emancipação, a nossa sociedade ainda está repleta de preconceitos contra as falas femininas, seja esse preconceito velado, ou revelado. Parece que o tempo inteiro as mulheres precisam mostrar que são iguais, e ter habilidades superiores aos homens, para poderem ao menos serem consideradas iguais. Na obra Rachel de Queiroz, a visão é bem masculinizada do universo dos amigos e bem tendenciosa a diminuição da mulher. Segundo Mary Del Priore.

As mulheres do século XXI são feitas de rupturas e permanências. As rupturas empurram-nas para a frente e as ajudam a expandir todas as possibilidades, a se fortalecer e a conquistar. As permanências, por outro lado, aponta a fragilidades. Criadas em um mundo patriarcal e machista, não conseguem se enxergar fora do foco masculino. (PRIORE, 2013, p.5)

Até mesmo na ficção a mulher tinha o papel de personagem oprimida, com o corpo disciplinado em busca de independência. Com a emancipação, as mulheres conquistaram seu espaço e foram abarcando todos os pontos da camada social desde a família até o trabalho fora de casa. A cada dia elas ganham mais lugares na sociedade sendo visíveis e atuantes em todas as áreas. Segundo Priore (2013), o século XXI pertencerá às mulheres, pois elas estão cada vez mais atuantes, seja no trabalho, seja dentro do seu lar.

Esse espaço conquistado mostra o quanto a emancipação das mulheres e a luta das mesmas foram válidas para que ganhassem espaço no âmbito social. Como foram se transformando ao longo dos anos, o papel social da mulher e o seu comportamento, que foi além de um espaço restrito ao trabalho doméstico ao qual lhe era atribuído, e se expandiu a passos curtos, mas fundamentais para um futuro de muitas conquistas. Apesar disso, hoje a sociedade ainda abarca traços patriarcalistas, por isso ainda se exige muito da mulher, pois ela precisa mostrar para a sociedade a perfeição, seja ela física, em que a mulher precisa mostrar o padrão de beleza necessária, ou voltada para o seu comportamento, em que se exige que a mesma não se desvie das regras comportamentais.

A sociedade exige da mulher muito mais do que do homem, porque ainda é esperado que a mulher tenha traços de um corpo disciplinado, regrado, no estético e no comportamento.

No patriarcalismo as mulheres não são donas de si mesmas, não tomam suas próprias decisões, já que necessitam de ter um corpo disciplinado. Isso mudou consideravelmente, com a luta das mulheres por um corpo liberado que ocorreu a passos curtos. A exigência da perfeição ainda é reflexo do patriarcalismo e pode ser observada também na fala de Vicente.

– Aquilo é uma doída, uma vagabunda. Danou-se para vir pro Ceará porque ouviu dizer que estava tratando retirante à vela de libra. Queria vir até a pé. (QUEIROZ, 2017, p. 85).

A fala de Vicente nesta passagem da obra apenas reflete como os homens tratam as mulheres que saem do modelo imposto, ou quando fazem algo que desagradam aos homens. O insulto com palavras de baixo calão é comum até hoje, quando a mulher se opõe às ideias e ideais dos homens. É notável como ainda o machismo existe na sociedade, a não aceitação dessa liberdade feminina. Esse aspecto, mais uma vez, é recortado pelo nosso protagonista Vicente, que não entende como uma moça passa andar só na cidade:

-Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade. (QUEIROZ, 2017, p.83)

Para ele mulher andar só é emancipação e é visto como um ponto negativo para os homens, porque na visão machista desse personagem com a emancipação das mulheres elas, perderam a timidez, o pudor, a culpa que elas sentiam, ou seja, isso foi altamente negativo para eles por uma questão de dominação, a mulher é vista como o ser dominado, é exatamente o ponto de vista do opressor sobre o oprimido, quando não aceita que a mulher pode tomar suas próprias decisões e fazer suas próprias escolhas. Para Vicente uma das qualidades das mulheres era cuidar dos afazeres domésticos, isso atribuía os valores que ele olhava em uma mulher:

Muito boa rapariga, É quem cuida de minha roupa. (QUEIROZ, 2017, p. 85).

Observa-se também na obra, que as mulheres ainda são, para a sociedade e para aqueles personagens, o sexo frágil, mesmo tomando suas próprias decisões, ainda

necessitam do outro para estarem bem relacionadas. Oposta a esta visão, Conceição acha que a mulher necessita de se relacionar com algo ou com alguém que tenha ideias como as dela ou que ao menos saiba quem é Machado de Assis:

E a moça comparou dona Inácia àquelas senhoras de alma azul, de quem fala Machado de Assis...Foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera o Machado...Nem nada do que ela lia. (Queiroz, 2017, p. 87).

Neste momento nossa protagonista percebe que já não era tão feliz ao pensar em Vicente, ele agora parecia para ela uma lembrança que ficou guardada na alma. Outro aspecto relevante é que Conceição se comporta como uma mulher contemporânea que abarca uma quebra, uma ruptura em determinados aspectos fazendo com que a mesma expanda sua visão e conquiste, através de todas as oportunidades possíveis, um vasto espaço no âmbito social. Ela percebe que talvez não tenha nascido de fato para o amor, pois suas leituras e sua profissão são mais importantes para ela, é isto que fica evidente na fala de Conceição.

Segundo Mary Del Priore (2013, p.5), há menos de cinquenta anos as mulheres só pensavam em casar e ter filhos e a felicidade se limitava a esses compromissos. Normalmente as mulheres não saíam de casa e quem arrumava seus futuros maridos eram as suas famílias. As mulheres não deveriam preocupar-se com coisas tipicamente masculinas como arrumar emprego, sustentar a casa, estudar, serem bem apresentadas à sociedade. A autora ressalta ainda que a sociedade sempre foi hierarquizada e patriarcalista e quem estava no mais alto posto social seriam os homens. Era sobre a mulher que repousava a perenidade do casal, a felicidade conjugal só dependia da mulher, ela deveria ser sensata a toda insensatez masculina. À mulher cabia o papel social de ser cristã e educar seus filhos e seguir uma boa conduta. Sem estudos e sem outras opções de vida, essa era a função da mulher enquanto segundo sexo, o sexo mais frágil da relação e por esse motivo mesmo não poderia se dar o direito de ter ideias avançadas, como trabalhar fora e estudar; sair do cercado imposto primeiro pela família, depois pela Igreja. O casamento era a única valorização da mulher.

Vários historiadores comprovaram a valorização do casamento desde os primeiros séculos de colonização. Ele era indício de valorização, de respeitabilidade, ascensão social e segurança. Mulheres que não tinham maridos, como designam documentos antigos, viviam à deriva, nos limites da desclassificação social, almejando uma vida minimamente

alicerçada segundo os costumes sociais e a ética oficial. (DEL PRIORE, 2013, p.30)

3 – Capítulo: A maternidade: principal dom da mulher?

Percebemos que as mulheres eram criadas para o casamento, não existiam outras possibilidades. Mulher que não arrumasse um casamento era uma mulher sem valores para a sociedade, já que o grande alicerce social dessa época era casar. As mesmas não tinham estudos e eram reprimidas pelo seio familiar, social e pela Igreja Católica. Seus desejos, suas vontades, as mesmas já tinham também um pensamento padronizado, produzidos histórica e socialmente, de que não seriam úteis para viver em sociedade, se não tivesse arrumado um casamento.

Em seu livro *Histórias e Conversas de Mulheres*, Mary del Priore (2013, p. 30) diz que a mulher deveria ser esposa, santa e mãe, como queria a Igreja católica, a mulher era considerada um ser incapaz, toda representação legal devia ser representada pelo marido, ou seja, exercer juízo civil, aceitar herança, exercer profissão, todas as decisões eram tomadas pelo homem. Fora o dever de ser boa no seio familiar, as mulheres deveriam frequentar à Igreja, pois seria esta que a manteria sob o olhar vigiado do seu comportamento, ajudando a mulher a manter a compostura e andar na linha. Porém mesmo para ir à Igreja, único lugar que as mulheres podiam ir, devia haver controle nessas saídas, pois nessas saídas poderia haver desvio de comportamento. A função da mulher era casar e ser mãe, fundar uma família e procriar. Essa procriação na antiguidade tinha uma função natalista, na idade média, procriar para Deus; na idade moderna com o estado laico, uma realização pessoal e o futuro da nação. Ter muitos filhos era uma riqueza para os pobres.

Crescei e multiplicai-vos era a ordem obedecida, pois se acreditava que Deus ajudaria a criar os filhos, essa riqueza do pobre. Desde o século XVII, circulavam na Europa manuais de bons procriadores, do tipo *A arte de fazer filhos*.” (DEL PRIORE, 2013, p.113)

Percebemos que o sexo era apenas para procriação. É o que se espera “da moral e os bons costumes”. Uma mulher não podia ousar sair dos padrões convencionais e se aventurar por caminhos distorcidos. Caminhos impostos por uma sociedade antiquada, ousar ir além do seu tempo com pensamentos voltados para carreira e educação, sem

pensar em casamentos e rotinas de uma vida familiar que incluía marido e filhos, era algo fora da realidade. Percebemos que em todos os tempos ter filhos parece um vício cíclico para as mulheres ou uma condição de uma natureza para além da história. Até as mais independentes prendem a realização pessoal a um projeto de ter filhos, mesmo que com uma produção independente, isso caracteriza a sociedade modelar que, mesmo com os avanços, mesmo considerando o estado laico, tem em sua mente algo já engessado. É como se a gravidez fosse um estado de poder e as mulheres que não têm filhos fossem consideradas inferiores. Filhos representam a regeneração do mundo, o seguimento do seu sobrenome, é como se a mulher fosse apenas um animal reprodutor. Intuímos que essa mania por gestação ainda nos dias de hoje circundam a cabeça da maioria das mulheres, foi algo tão bem plantado no psicológico das mulheres, que por muito tempo não acharam outras metas, outros valores para suas vidas.

Fazendo uma ponte do texto acima com *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, percebemos uma personagem que tropeça nas regras ditatoriais de uma sociedade patriarcal. Conceição, destoa do querer das moças da época, pois já tinha 22 anos e não falava em casar-se, estava mais preocupada com sua profissão, com seus estudos e mostra sua independência emocional e financeira. Conceição não se preocupava em sair sozinha; nessa época as moças não saíam sozinhas para não ficarem mal vistas, porém Conceição quebrava os paradigmas sociais. Embora Conceição tenha ciúme do seu primo Vicente, que foi um amor da adolescência e por quem ela tinha uma estima especial, seus ideais ainda prevaleciam frente aos desejos carnavais que, de vez em quando, insistiam em aparecer. Ela achava seu primo Vicente um homem vistoso e interessante, mas acima de tudo reconhece as diferenças culturais entre eles. Vicente era um homem rude, de pouco estudo e de um saber adquirido na lida, no dia-a-dia. Conceição chega a sentir ciúmes de Vicente com uma mulher chamada Chiquinha, ela não podia tolerar que Vicente se engraçasse com outra mulher e desejasse também a ela. Com uma visão diferente das outras mulheres começa a perceber que Vicente é igual aos outros homens, mesmo que sua avó Inácia tente fazer de Vicente um herói, mostrando a Conceição que as mulheres deveriam fechar os olhos para certos comportamentos masculinos. Conceição não sonhava em casar-se nem ter filhos, porém adotou seu afilhado Duquinha e cuidou dele como uma mãe zelosa. Sua avó, mais uma vez, tenta convencê-la do casamento e supostamente ter filhos em seguida:

Quinze dias compridos e angustiados Duquinha levou para uma melhora sensível. Enfim já se sentava na rede e pegava com as mãos incertas a tigela de leite ou de caldo. E já não olhava a madrinha com a primitiva expressão assustada. Tinha para ela olhares agradecidos e meigos, que a acompanhavam a circular no quarto, e demoravam longamente, com uma fixidez brilhante, nas pregas do seu vestido branco, nos laços de suas tranças. Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade. E a avó, vendo o cuidado dela, e o carinho com que cercava a criança, dizia às vezes: — Ah, menina! Quando acaba, você diz que não é boa para casar!... (QUEIROZ, 1930, p.84)

Nessa passagem do livro, fica claro como os valores dessa época para as mulheres giravam em torno do casamento. Mesmo Conceição sendo uma mulher forte, por vezes o instinto maternal aparecia nos cuidados com o afilhado Duquinha. Percebemos que ela tinha aspectos que nos lembrariam os valores aferidos à maternidade. Sua avó não se cansava de lembrar para a neta de como seria importante e bom para ela casar-se, insistia que Conceição tinha o perfil para o casamento. As mulheres mais velhas tentavam induzir o comportamento das mais jovens para o casamento e a procriação.

A sociedade modelar, a interferência da Igreja, fazem com que o casamento vire um negócio, pois se tratava de um mecanismo presidido pelas famílias, que buscavam candidatos para as moças em idade de casar. Essas buscas eram feitas em festas sociais e missas, era comum o casamento entre primos e parentes. Porém no início do século XX começa a haver uma mudança sutil nos hábitos femininos, as mulheres passam a ter acesso à informação, lazer e consumo. Percebemos ainda que, fora os padrões tradicionais femininos, a mulher era um flagelo, se fosse inteligente era perigosa. Uma moça de família não deveria perder tempo com leitura se o curso natural da mulher era o casamento:

— E você sem largar esse livro! Até em hora de missa! A moça fechou o livro, rindo: — Lá vem Mãe Nácia com briga! Não é domingo? Estou descansando. Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título: — E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava... Conceição riu de novo: — Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo... — De que trata? Você sabe que eu não entendo francês... Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais ideias: — Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternos, do problema... Dona Inácia juntou as mãos, aflita: — E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, dar para escrever livros? Novamente o riso da moça soou: — Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar... — E só para isso, você vive queimando os olhos, emagrecendo... Lendo essas tolices... — Mãe Nácia, quando

a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais... — E para que você torceu sua natureza? Por que não se casa? Conceição olhou a avó de revés, maliciosa: — Nunca achei quem valesse a pena... Dona Inácia foi saindo da sala, para guardar o manual e o terço. (QUEIROZ, 1930, p. 131-132)

Notamos que, para as mulheres mais velhas dessa época, a casa, a rua e as leituras que as moças faziam continuavam a delimitar suas representações na sociedade. A mulher ideal era a que frequentava as missas, casava-se, tinha filhos e não criticava seu marido. Ler e se informar era algo fora da realidade, algo considerado desnecessário, que fugia do curso natural feminino. Mas Conceição tinha um pensamento arrojado, marcado por alta desenvoltura, frente às questões morais, sociais e intelectuais, nada parecia fazer com que ela acreditasse que valeria a pena largar sua profissão e estudos para casar.

A avó de Conceição retorna a Quixadá e quer levar Duquinha, a criança adotada por Conceição, com ela. Já que facilitaria para Conceição trabalhar sem ter uma criança por perto. Porém ela não deixa Duquinha partir com sua avó, estando obstinada a dar um jeito para que o menino ficasse:

- Não, Mãe Inácia, ele fica. Tem um quartinho junto do da criada, lá na casa das Rodrigues. E a negra velha me ajuda com ele...Eu já quero tanto bem ao bichinho! E fico menos isolada. (QUEIROZ,p,145)

Segundo Elisabeth Badinter, apesar do instinto materno ser um mito, historicamente construído, muitas mulheres ainda associam os filhos como sendo uma parte importante da família e de sua própria existência. Porém o amor de Conceição para o seu afilhado, foi um amor constituído ao longo das condições que ambos os personagens viviam naquele momento. Por um lado, o menino sem mãe e necessitando de afeto; por outro, Conceição sendo afetuosa. Assim, os sentimentos são inerentes à condição de mãe biológica, as relações são construídas de fora para dentro.

O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX, já que, como o exame dos dados históricos mostra, nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues, desde tenra idade, às amas, para que as criassem, e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações sócioeconômicas da história. (BADINTER, 1985, p.1)

A canonização da maternidade é desconstruída por Elisabeth Badinter do ponto de vista biológico e visto mais como relações afetivas que são construídas ao longo do eixo social de cada indivíduo e percebemos que a relação afetiva de Conceição e do seu afilhado foi uma crescente na narrativa. Desde o início do século XVI, até os séculos seguintes essa era a representação mais fiel da mulher, a de ser mãe.

3.1 O amor sagrado

Constantemente se faz analogias entre a maternidade e a religiosidade. Ser mãe é assemelhar-se à Maria, Mãe de Jesus, é recusar as suas dores pessoais e assumir as dores do seu filho. Nada mais puro e legítimo para a mulher de que assumir seu papel de sofredora, procriadora, de mãe. Era o seu mais legítimo amor, o amor que tudo suportava e que era a condição mais forte da mulher na sociedade.

No “desempenho da missão, que é apanágio incomparável da mãe de família, de promover, com o sacrifício mesmo de todas as forças de que dispuser, o máximo bem estar de seus filhos, que for compatível com os princípios da religião, da moral e dos bons costumes” (PIRAGIBE, Set. 1880; p. 131).

Ser mãe era renunciar-se em prol de um único ideal de vida, o da maternidade. Mas Conceição não estava preocupada em ser “mãe modelo” para seu afilhado, apenas queria dar uma chance de a criança ter um futuro diferente dos demais irmãos:

— Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado...
 — E o que é que você disse?
 — Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai...
 — E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro?
 A mulher se justificou amargamente:
 — Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro...
 Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que a lua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar. Mas, detrás dele, a mulher insistiu:
 — Que foi que você resolveu, Chico?
 Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou:
 — É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro... (QUEIROZ, p. 1977, p.75)

Conceição encontra com o novo dentista da cidade, que a questiona sobre o motivo de não casar-se e não ter filhos. E voltando para casa sozinha ela pensa nos questionamentos do rapaz:

“Vae soli!” Pedante! Mas Lourdinha parecia tão feliz com a filhinha... Afinal o verdadeiro destino de toda mulher é acalentar uma criança no peito... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida...”Vae soli!” Bolas! Seria sempre estéril, inútil, só...seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se preolongaria noutra pequena alma...Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade... (QUEIROZ, 2017, p.156)

Em contradição a isto, Bandinter (1985, p. 100) fala que a emancipação da mulher, nem o homem e nem a sociedade podia evitar, ela ainda reforça que as mulheres não tinham glória em ser mãe, porém souberam a reconduzir bem ao papel que nenhuma mulher podia negar-se, ao de ser mãe. Esses pensamentos estavam em concordância com as atitudes de Conceição, já que ela não se sentia mais só, afinal tinha o Duquinha. Isto fica claro nessa passagem do livro:

Citação “ Aí dos sós... Mas ao chegar em frete à calçada da prima, onde a avó a esperava, Duquinha afastou-se das saias de Dona Ináciam e correu-lhe ao encontro:
- Madrinha! Madrinha! Me dê dois tões para eu comprar um navio de papel!
À vista do menino, adotou-se a amargura do coração da moça.” (QUEIROZ, 2017, p.156)

A sociedade tradicional diz que a mulher sem filhos e sem maridos, acaba por experimentar uma solidão, aquela sensação de estar no isolamento, a falta de companhia. Porém Conceição prova que esse sentimento têm visões subjetivas, já que não parir uma criança, não significa que ela não possa ser mãe e não possa ter uma proximidade com outra pessoa que gere afetos iguais ao da maternidade

CONCLUSÃO

Com o objetivo de analisar o processo de inserção e expansão da participação feminina no mercado de trabalho e em outras áreas sociais, este estudo partiu de uma contextualização histórica sobre os impactos das mudanças comportamentais das mulheres, analisando as questões de gênero e todas as suas representações sociais moldadas em um eixo social tão fixo. O entendimento desta questão, a globalização, os estudos feministas, tudo isto teve impacto sobre o comportamento da protagonista Conceição e sobre mim. O nosso estudo apresenta uma investigação sobre o universo feminino de Conceição, em *O Quinze*, mostrando que, apesar do flagelo da seca e de uma aparente fragilidade das mulheres nordestinas, sempre houve mulheres que mudaram as perspectivas de sua época e tentavam mostrar seus outros valores sociais.

Pontuamos aspectos importantes na obra como a visão de que as mulheres ainda são as responsabilizadas pelos afazeres domésticos e pelas obrigações com a família: filhos e maridos. Foi observado também que a sociedade patriarcalista e cristã, doutrina a mulher para a submissão do eixo social daquele que se constitui como o mais forte.

Pôde-se verificar, no decorrer do estudo, que entre as muitas discriminações sofridas pelas mulheres que persistem há décadas, entre elas, merecem destaque: a mulher no mercado de trabalho, o casamento imposto, a maternidade induzida.

De qualquer forma, observamos que o universo da mulher está enraizado no modelo patriarcal, sendo Conceição uma mulher que reivindica seu direito enquanto cidadã e sua posição na sociedade contemporânea. A literatura de Rachel de Queiroz se constrói de temas regionalistas, mas, apesar disso, alcança o cenário nacional. Destaca-se também pela luta da mulher que busca espaços no mundo moderno, tentando evitar os ciclos tradicionais da mulher esposa, da mulher mãe, da mulher submissa. Espero estar contribuindo para futuros trabalhos nesta mesma vertente de pesquisa, pois para além desse estudo, Conceição também está em mim. Está em mim quando me é cobrado assumir esse lugar do feminino oprimido por uma história secular que parece nos querer prender nos espaços do lar. Está em mim, quando me revolvo, ao lembrar das muitas horas de trabalho e cuidados que tive com a minha filha Larah, eu e ela, duas mulheres-meninas, que juntas criaram, assim como Conceição, uma arte de estarmos vivas.

Que a Conceição de Raquel se faça muitas, levando-nos a repensar e, por que não, aguar a secura de uma história tão opressiva?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mario de. “Raquel de Queiroz”. In.: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- ALBURQUERQUE JR., Durval. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, Mario. “Sobre a seca em *O quinze*” In: QUEIROZ, Raquel. *O quinze*.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LOPES, Edvânia Martins “As (in)subordinações das mulheres protagonistas em *O Quinze*, Dôra, Doralina e Memorial de Maria Moura”. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3617054 . Acessado em março de 2018.
- OLIVEIRA, Luiz da Conceição. *Os encontros e desencontros das três Marias de Rachel de Queiroz* (Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/243>. Acessado em março de 2018).
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PIRAGIBE, A. *A medicina popular e a medicina moderna*. A Mãe de família: jornal científico literário ilustrado, Rio de Janeiro, a.2, n.17, p. 131, Set. 1880.
- PRIORE, Mary del. *Histórias e Conversas de Mulher*. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2014. 303 p.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- SCHMIDT, Augusto Frederico. “Uma revelação: *O Quinze*”. In: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.